

## PROPOSTA PARA UM NOVO DIÁLOGO: GEOGRAFIA E LITERATURA POR QUINCAS BERRO D'ÁGUA EM JORGE AMADO

Maria Lívia Ferreira dos Santos<sup>1</sup>

Carlos Augusto Magalhães<sup>2</sup>

### RESUMO

Veiculado em forma de novela na revista “Senhor”, em 1959, o texto apresentava 12 capítulos, que foram suficientes para uma significativa repercussão. O tempo a transforma em livro, peças teatrais, filmes e tema de debate nas universidades. Trata-se da novela *A Morte e Morte de Quincas Berro D'Água*, de Jorge Amado, obra que, antes de tudo, é uma crítica contumaz aos comportamentos das classes dominantes. O presente estudo faz parte da dissertação de mestrado, e tem como objetivo contribuir com o debate proposto neste evento, apresentando novas possibilidades de analisar o espaço geográfico, a partir de um outro lugar, diferente da apresentação de dados. O lugar do convite a reflexão, da formação do pensamento crítico e da possibilidade de levar novas discussões e perspectivas de pensar a comunidade, com destaque a escola que trabalho, como coordenadora pedagógica da rede estadual de ensino. O trabalho está sendo construído e será apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Estudos de Linguagens, na Linha de Pesquisa que estuda as questões relacionadas a Leitura, Literatura e Identidade, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. A partir de interlocuções entre duas importantes áreas do conhecimento, a Geografia e Literatura, propõe contribuir para a construção e desenvolvimento de metodologias pedagógicas, instrumentos formativos, potencializadores de aprendizagens, para escolas públicas e particulares da educação básica, capazes de apresentar elementos da cidade e fenômenos sociais, a partir de uma obra literária narrada com a destreza e criatividade de Jorge Amado.

**Palavras-chave:** Espaço geográfico, espaço literário, cidade e identidade.

### INTRODUÇÃO

*A morte e morte de Quincas Berro D'Água*, cada um à sua maneira, levam a que, em meio a aridez e ao deserto afetivo da vida urbana, se procure algum sobrado ou algum barco a navegar por mares sempre navegados, rumo a pontos onde estão disponíveis os objetos do desejo e a fartura de prazer (GROSSMANN, 1993, p.23).

Publicado em sua primeira versão como novela, intitulada “Senhor”, apresentada em doze capítulos, ecoa intensamente através dos veículos de entretenimento e informação da época. Torna-se livro, peças teatrais, novelas, seriado, filme e tema de debate nas universidades. A morte e morte de Quincas Berro D'Água, de Jorge Amado é, antes de tudo, uma crítica ao comportamento da burguesia.

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Estudos de Linguagens da Universidade Estadual - BA [m.livi.a@hotmail.com](mailto:m.livi.a@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Prof. Dr. Titular – PPGEL - Universidade Estadual - BA, [calosmagal@terra.com](mailto:calosmagal@terra.com) (83) 3322.3222

A contradição se estabelece entre o certo, incontestável, pactuável e o errado, questionável, marginal, a partir do momento em que duas construções sociais são lançadas: o universo da ordem estabelecida, com o devido enquadramento dos indivíduos em instituições sociais respeitáveis, como a família, o casamento e o trabalho. De outro lado, o universo da “desordem”, a que Quincas se entrega ao rejeitar a lógica perversa que o envolvia, segundo a qual o casamento, a família e o trabalho deveriam ser sustentados mesmo que conduzissem à infelicidade.

Ao desencadear o processo que ocasionaria a reconstrução de uma identidade preestabelecida, (conforme as normas do bem viver e dos bons costumes, transformando-a em sentido inverso, encarnando o universo dos sem trabalho e família), Quincas assume o ônus do estigma social e da rejeição familiar. Como cenário de fundo, o Centro antigo de Salvador, que dá forma à trama, revela-se como *locus* dos acontecimentos e cede espaço para o protagonista produzir seu lugar de vida.

A narrativa de Jorge desvela uma valiosa oportunidade de aproximarmos dialogicamente a Geografia e a Literatura, em favor da construção de um saber múltiplo, possibilitador de interlocuções e entrelaçamentos de linguagens, que se configure como modo de expressão das relações do homem com o meio e com a própria existência. Justifico a escolha do meu objeto de pesquisa, reiterando a relevância da proposta, ao vislumbrarmos a obra do autor Jorge Amado "A morte e morte de Quincas Berro D'Água" (1959), sob a perspectiva dessas duas grandes áreas do conhecimento, de maneira que, uma complementando a outra, garantam novas discussões, agucem imaginação, criatividade, inventividade e que desvelem novos paradigmas teóricos, empíricos e dialéticos capazes de compreender a relação do homem com o universo.

Os ensaios geográficos produzidos a partir da análise de textos literários já constituem uma linha de pesquisa consolidada nas propostas contemporâneas dos estudos da geografia internacional. Ainda assim, discussões a respeito da temática são pouco privilegiadas na geografia brasileira, considerando a pluralidade espacial que envolve a produção literária nacional. Na relação entre geografia e literatura, os textos literários apresentam-se como um rico material a ser apreciado, não somente por geógrafos, mas, por educadores, cientistas e todos os demais sujeitos sociais, pois as construções textuais, evocam a alma dos lugares e o cotidiano das pessoas. A Geografia, hoje revela, recria, reinventa novas e velhas alternativas, para apreender o espaço através da incorporação crítica de discursos literários, os quais podem servir como recurso de renovação metodológica para compreensão, ensino, aprendizagem desta e de outras ciências. A proposta é que por meio do diálogo entre essas duas grandes áreas do conhecimento, possamos

contribuir para a construção de aprendizagens mais afetivas e acessíveis para estudantes, professores, pais, formadores e por fim, todos e todas.

## **METODOLOGIA**

A proposta é refazer alguns dos caminhos realizados por Quincas, para tanto, além da obra principal “amadiana”, metodologicamente se pretende recorrer a uma vasta e profunda pesquisa bibliográfica em livros, revistas, teses, dissertações, periódicos, artigos, internet, em materiais tanto da Geografia e Literatura, quanto das demais áreas das Ciências Sociais. Observações assistemáticas serão realizadas, dos lugares e paisagens da cidade do Salvador, que aparecem na trama e que ainda hoje são capazes de imbricar ficção e realidade, como tentativa de maior envolvimento com o fenômeno analisado.

A questão investigada busca compreender sob quais formas a Geografia e a Literatura se cruzam, através das personagens de Jorge Amado, na obra *A morte e morte Quincas Berro D'Água*, produzem o seu lugar de vida no espaço urbano soteropolitano, a partir da relação com a cidade, a exclusão social, as instituições reguladoras e o modo de produção capitalista, considerando suas vulnerabilidades físicas, sociais e simbólicas, e suas formas de resistência por meio de novas adequações corporais e estratégias alternativas de sobrevivência.

As discussões suscitadas no ensaio, servirão de subsídio para que educadores(as), professores(as), facilitadores(as) da aprendizagem, todos e todas, envolvidos no processo educativo, em instituições de ensino, e para além delas. Que criem novas estratégias e ferramentas, afim de problematizar e provocar suas comunidades a pensarem as questões sociais que abrigam e animam, a partir de uma obra literária, sob a perspectiva das duas principais protagonistas, mas, também de infinitos caminhos que o conhecimento seja científico, acadêmico, identitário, cultural, ancestral podem apontar.

## **DESENVOLVIMENTO**

Eis o espaço geográfico, considerado a principal categoria de análise da ciência geográfica, é o ponto de partida, o cerne, a estrutura material que viabiliza nossa própria existência e, portanto, vai para muito mais além do que a investigação de uma área do conhecimento possa provocar e elucidar. O espaço geográfico é o todo do que a existência humana acumulou ao longo

dos séculos, aqui e agora. É este ‘todo’ em movimento, agindo e reagindo em uma permutação constante e incansável.

É ele que vai possibilitar as mais intrigantes histórias, fenômenos e produções simbólicas, políticas e culturais. E ao mesmo tempo que irá acolhê-lo, será implacável em absorvê-lo e ensinar-lhe a quão perigosa, complexa, díspares, e perverso pode ser ter que sobreviver a ele. Vai servir de palco para seus sonhos, sua vida, projetos e afetos. É Salvador, é a rua, a casa e a Cidade da Bahia de Jorge Amado. Neste sentido, Tuan (1983, p. 61-62) afirma:

O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida à ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. (...) Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar (TUAN, 1983, p.61-2).

Salvador, o lugar em que nasci e no qual fui criada, é sem dúvidas, uma dádiva histórica e social, é quilombo, herança que simboliza a resistência de um povo, sangrado por um passado de escravização, e por conseguinte, por toda sorte de brutalização e omissão, e que ainda assim, anima-se, celebra, movimenta-se, majestosamente, tanto quanto seus antepassados, antes de terem sua história interrompida pela escravidão. Sim, é evidente que a ancestralidade fala, ou melhor, grita no povo que vive em Salvador. Coragem, determinação, teimosia, confiança, fé, sorriso, criatividade, e a capacidade de reinventar-se com destreza, simpatia e afeto são elementos presentes na produção diária de vida dos soteropolitanos.

Jorge Amado não resistiu aos encantos e desmandos de Salvador e para nossa alegria, escreveu sobre ela. Escreveu lindamente, com a potência e sutileza necessárias para revelar parte de suas contradições mais perversas, suas nuances, suas espacialidades, necessidades e de sua gente. Jorge Amado descreve a cidade de Salvador, não apenas como objeto de passagem, como elementos dispersos ao fundo da narrativa. Ele dá voz a cidade, que fala e interage como qualquer outro personagem da trama, e por meio da sua escrita, conta nossa vida, traz à tona a realidade do pobre, do preto, do rejeitado, da prostituta e do cachaceiro.

Denuncia as mazelas de uma sociedade que subjuga, molda e aniquila se você disser não. Jorge Amado faz Literatura, mas, também faz Geografia, traz à luz espacialidades subterrâneas do Centro Histórico de Salvador, nos descreve a cidade, enquanto fala do seu povo e de como

produzem sua existência. DataMatta (1997), fala desses imbricamentos, de conjuntos, coletividades de ações e valores presentes no conceito de Espaço Geográfico.

Aqui, como vemos, o espaço se confunde com a própria ordem social, de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido. Aliás, nesses sistemas, pode-se dizer que o espaço não existe como uma dimensão social independente e individualizada, estado sempre misturado, interligado ou “embebido” - como diria Karl Polanyi – em outros valores que servem para a orientação geral. (DAMATTA, 1997, p.34).

O espaço é um equilíbrio, uma espécie de equação engendrada pela forma e pelos diferentes sentidos que ela é capaz de suscitar e condicionar. Conforme assinala Santos (1958), a forma é o aspecto visível, o exterior de um objeto, visto isoladamente ou em conjunto formando um padrão espacial, uma casa, um bairro, uma cidade ou redes urbanas. Através dos objetos e das formas, as ações se realizam e indissociavelmente vão desenhando e construindo o espaço geográfico por meio de uma estrutura relacional, que se modifica, se reconstrói e evolui.

O ato de experimentar e investir de significado um dado espaço, anteriormente estranho ao homem, transforma-o em um lugar que dá sentido à sua existência, permitindo-lhe considerar-se parte dele, desde que esteja em harmonia com os deuses. Pela sua simples presença, o homem impõe um esquema ao espaço, conscientemente ou não ele marca sua presença através de atividades que legitimam esse ambiente como sendo “seu” (TUAN, 1983, p. 42).

O Espaço Geográfico é definido como um conjunto de indissociável de sistema de objetos e sistema de ações. Os objetos técnicos se instalam na superfície da terra, para responder às necessidades fundamentais dos homens alimentar-se, residir, deslocar-se, rodear-se de objetos úteis. O espaço tem, sempre, um componente de materialidade de onde lhe vem sua concretude e empiricidade. O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, circulação, residência, para comunicação, para o exercício político e das crenças, para o lazer e como condição de bem viver, de acordo Santos (1996).O desenvolvimento da pesquisa contém a revisão bibliográfica, as principais discussões teóricas e a trajetória da mesma ao longo do recorte estudado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pelo jeito, aquela ia ser noite memorável, inesquecível. Quincas Berro D'água estava num dos seus melhores dias. Um entusiasmo incomum apossara-se da turma, sentiam-se donos daquela noite fantástica, quando a lua cheia envolvia o mistério da cidade da Bahia. Na ladeira do Pelourinho casais escondiam-se nos portais centenários, gatos miavam nos telhados, violões gemiam serenatas. Era uma noite de encantamento, toques de atabaques ressoavam ao longe, o Pelourinho parecia um cenário fantasmagórico (AMADO, 2001, p.27).

Como é sabido, a cidade a partir da narrativa criada por Jorge Amado, é capaz de traduzir sentimentos e sensações, da mesma forma que os demais personagens da trama. Em muitas das suas obras, o Pelourinho surge como um elemento da cidade, capaz de acolher histórias e despertar em seus leitores impressões absolutamente fiéis a grandeza ancestral e patrimonial que ele carrega.

A riqueza gerada a partir do cultivo da cana-de-açúcar, foi refletida da arquitetura vultosa e opulenta nos milhares de casarões (ainda hoje são mais de 3000 mil), monastérios e igrejas no chamado Centro Histórico da Cidade, erguido elite social da época (escravagistas, traficantes de escravos, latifundiários, comerciantes e banqueiros. Nas décadas de 1940 e 1950 a classe dominante passa a se deslocar em direção aos bairros da Vitória e Barra. Já em 1960 o Pelourinho tinha sua imagem associada à pobreza, marginalidade e prostituição.

O centro da cidade - ponto de convergência e espaço das trocas sociais - torna-se, no nível simbólico, a parte da estrutura que sintetiza o erótico; é o ponto de referência na corrente imagético-metafórica que substitui Eros. O centro, desta forma, é o lugar para onde confluem e onde atuam elementos desestabilizadores; afirma Barthes: “[...] o centro da cidade é vivido como o lugar de trocas das atividades sociais, e eu quase diria das atividades eróticas, no sentido lato do termo. Melhor ainda, o centro da cidade é sempre vivido como espaço onde agem e se encontram forças subversivas, forças de ruptura, forças lúdicas (MAGALHÃES, 2011, p. 203).

Mas, não foi somente a pobreza que ganhou espaço no Pelourinho e em suas redondezas. A década seguinte, cedeu espaço para um significativo movimento musical e de afirmação da identidade do povo negro na cidade, que passou a abrigar noções de pertencimento e a ideia de resistência da cultura africana em Salvador, que se corporificava em práticas, capoeira, no candomblé, no canto, na percussão.

O Pelourinho compõe o sítio urbano da cidade do Salvador, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e é reconhecido pela Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e é considerado patrimônio material, cultural e simbólico da humanidade.

De acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), o bairro é dividido em 4 (quatro) distritos – Passo, Sé e parte dos bairros do Pilar e do Santo Antônio Além do Carmo. Já, segundo a Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo (LOUS) de Salvador, o Pelourinho foi dividido em quatro sub-regiões: São Bento/Barroquinha; Misericórdia/Castro Alves (Rua da Misericórdia, Conceição da Praia, Rua da Ajuda, Rua Chile e Praça Municipal); Pelourinho/Sé (Largo de São Francisco, Terreiro de Jesus, Praça da Sé, trecho da Baixa dos Sapateiros, Sodré e Pelourinho) e Santo Antônio/Carmo (Santo Antônio Além do Carmo, Carmo, Passo, Pilar e Taboão).

Limita-se ao norte com Pilar, Santo Antônio e Barbalho; ao sul com a Sé e Saúde; a oeste com o Comércio e à leste com a Sete Portas. É composto por ruas estreitas, enladeiradas e calçamento em paralelepípedos (PORTELA, 2009; IBGE, 2010). Santos (1958), traz à luz seu conceito:

O Pelourinho é uma ladeira-praça, de forma irregular, rodeada de edifícios dos séculos 18 e 19, grandes casas nobres de dois e de três andares que serviram como residências a famílias ricas, mas que hoje caíram em ruínas. O interesse do estudo dessa praça reside no fato de que ela se situa no coração mesmo da área resguardada pelos regulamentos que asseguram proteção aos monumentos históricos da cidade. Assim ela representa, a um só tempo, um exemplo da influência dos fatores jurídicos sobre os fatos de estrutura urbana e um exemplo de degradação (SANTOS, 1958, p. 164-5).

A fim de demonstrar esse processo ainda em seu período inicial, surge na obra o Centro Histórico, com atenção ao Pelourinho e redondezas como cenários de Quincas Berro D'água e de seus companheiros de bebedeira que juntos protagonizam momentos míticos e de grande repercussão social. Conforme nos mostra (SILVA, 1999, p. 260), “O Centro Histórico de Salvador sofreu um processo de depreciação oriundo de sucessivas mudanças de funções”, o que o levou a modificar-se na sua estrutura social e econômica, porém com rugosidades expressas no seu desenho arquitetônico e urbanístico, migrando de uma inicial ocupação residencial de elite para a situação, acima indicada, de degradação.

Os ruídos de uma vida pobre e intensa, desenvolvendo-se pela ladeira, mal chegavam ao terceiro andar do cortiço onde o morto repousava após a cansa da mudança de roupa. (AMADO, 2001, p. 30).

Os cortiços eram marcas de um passado opulento, com a ostentação da riqueza explícita nos casarões e sobrados de até quatro andares, o que contrastava com a degradação. Esses espaços foram ocupados por uma classe pobre, que subdividia em diversas partes os já ínfimos cômodos, cabendo um pequeno cubículo para cada família (ANDRADE, 2014).

Nesses cubículos não há luz, nem ar e inexistente higiene. A vida nesses cortiços é um verdadeiro inferno e as diversas famílias que ocupam um mesmo andar se veem obrigadas a se servirem de um único banheiro e de uma só latrina. Escadas estragadas, soalhos furados, paredes sujas, tetos com goteiras formam um quadro comum a toda esta zona de degradação (SANTOS, 1959, p. 166).

A deterioração das condições de vida é consequência de um sistema econômico que não distingue o indivíduo de sua força de trabalho. Forja uma identidade relativa à função exercida na economia e a torna inerente à existência humana: “o resultado dessa dinâmica gera o esvaziamento do conceito de qualidade de vida que o homem contemporâneo tanto almeja” (MIRANDA, 2007, p.47).

Nesse sentido, o espaço de vida de Quincas Berro D’Água, após o rompimento dos parâmetros morais socialmente estabelecidos, é produzido entre os becos, as ruas, lugares habitados pela gente pobre, humilde, feliz e excluída da velha São Salvador e que aparecem aos nossos olhos necessitando de certa malícia, ironia e humor para compactuar com o escritor que lida de forma divertida, dolorida e irônica com a vida, morte e suas intempéries.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Jorge Amado aqui estudada nos viabilizou a oportunidade de elucubrar e discutir um tema absolutamente relevante para a ciência geográfica. *A Morte e Morte de Quincas Berro D’Água* de 1958, por meio de um processo dialético constante apresenta dois ambientes distintos e paradoxais, o primeiro ambiente é onde os personagens estão identificados com o poder, o autoritarismo, regras familiares, repressões sociais e econômicas.

A escrita de Jorge Amado nos apresenta a possibilidade de suscitar e criar outras formas de leituras e interpretações. Torna possível o diálogo entre a geografia e a literatura na análise do espaço geográfico da cidade do Salvador, e das relações culturais, políticas e sociais que forjam identidades como as de Quincas e de seus amigos, que revela as contradições de um modo de



produção social e econômico extremamente excludente, mas, que abriga inúmeras produções de resistência e ressignificação desses espaços de exclusão.

Lugares onde as trocas de afeto e solidariedade acalentam a dor e abandono, onde há relações de pertencimento e preservação de identidades. Esse é o lugar que Quincas encontrou, ao escolher outro caminho, o marginal, é o lugar que nasci, cresci e me criei, o lugar da escola pública, das periferias. É o quilombo que sobrevive diante das mazelas com bravura e lealdade.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. A morte e a morte de Quincas Berro D'água. 86 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANDRADE, Adriano. B. A cidade de Salvador, dos idos de 1959: os olhares de Jorge Amado e Milton Santos. PINHEIRO, DJF., and. SILVA, MA., org. Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 184.

DAMATTA, Roberto. A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil. 5 ed.-Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GROSSMANN, Judith. et al. O espaço geográfico no romance brasileiro. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

MAGALHÃES, Carlos Augusto. Pelourinho e Tabuão - Cenas e Cenários. Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 45-53, out./dez. 2011.

MIRANDA, Gilson C. B. Farmácia de Epicuro. O hedonismo e a busca do prazer como receita de vida e finalidade de existência. Filosofia, ciência e vida, São Paulo, ano I, n. 10, p. 44-49, [s.d.]. [2007].

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. O Centro da Cidade do Salvador. Estudo de Geografia Urbana. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

SILVA, Maria Auxiliadora. A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador e a preservação da continuidade funcional do bairro de Santo Antônio Além do Carmo. In: VASCONCELOS, P. A. & SILVA, S. B. de M. e S. (org.). Novos Estudos de Geografia Urbana Brasileira. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999. p. 259-274.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

